

“LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: CULTURA MATERIAL ESCOLAR EM DESTAQUE”

Isaíde Bandeira Timbó*

1. Introdução

Na primeira década do século XXI, através do Programa Nacional do Livro Didático, é possível afirmar que o livro didático faz parte da cultura material da maioria das escolas públicas brasileiras, e é um documento que comporta vários outros documentos, e para melhor compreendê-lo é fundamental uma perspectiva apurada na interface das áreas da História e da Educação. Cada livro didático de História é imbuído de uma proposta de ensino-aprendizagem com definições educacionais (proposta pedagógica) e historiográficas (conteúdo programático).

Sendo assim, um dos objetivos desta pesquisa¹ em andamento é identificar os usos dos livros didáticos de História nas escolas públicas do Estado do Ceará. Então, é mister indagar: Quais os (des)usos que se faz do livro didático no cotidiano da sala de aula hoje? Como se tornar sujeito histórico frente às imposições legais e às (im)possibilidades de rompimento da burocracia que permeiam as práticas pedagógicas?

Nesta pesquisa sobre os usos do livro didático de História utilizamos como categoria de análise o conceito de “apropriação” de CHARTIER (1990), tento em vista que este conceito está voltado para identificar as representações que são feitas da recepção de algum objeto cultural, no caso, o livro didático, e este na perspectiva de CHOPPIN (2000 e 2001). E ainda teremos como referencial as categorias de “estratégias e táticas” de CERTEAU (1994), principalmente relacionadas ao uso do livro didático em meio as práticas pedagógicas, pois de acordo com este autor, não há consumo passivo, já que no cotidiano há inúmeras maneiras de fazer uso de algo material. Como também o conceito de “cultura escolar” cunhado por JULIA, em que afirma “a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e conduta a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.” (2001:9)

Estamos usando como metodologia a observação direta em quatro salas de aula, a aplicação de questionários aos professores e ainda a realização de entrevistas com as

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Professora do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC/UECE

¹ As idéias gerais deste texto foram primeiramente apresentadas por mim no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – no período de junho de 2008, na Universidade do Porto - em Portugal.

Secretárias Municipais de Educação das cidades de Fortaleza e Quixadá, com os diretores e/ou coordenadores pedagógicos das escolas escolhidas, como também com os professores de história das turmas observadas, além de roda de conversa com os alunos das turmas pesquisadas.

Neste viés estamos trabalhando dentre outras fontes com: livros didáticos de História adotados recentemente em quatro turmas do Ensino Fundamental II (6º. Ano), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de História, o edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)/2008, o Guia de Livros Didáticos do PNLD/2008, as entrevistas transcritas e as anotações dos diários de campo de cada turma observada durante o ano letivo de 2008. E ainda desenhos (feitos pelos alunos) sobre o livro didático.

Acreditamos que a percepção e utilização do que existe para além do dito nas linhas e entrelinhas desta cultura material escolar pode favorecer uma melhor compreensão do cotidiano escolar. O que pretendemos desenvolver, portanto, é uma História sócio-cultural do livro didático a partir da percepção dos diferentes usos/desusos que se faz dele nas inúmeras salas de aula de História. Lembrando que o enfoque no cotidiano escolar significa, pois, “estudar a escola e sua singularidade, sem desvinculá-la das suas determinações sociais mais amplas.” (ANDRÉ, 1991:42). Esta pesquisa em curso é, portanto, uma possibilidade de melhor compreendermos a tessitura da escola e da sala de aula na construção das práticas pedagógicas no ensino de História, em especial relacionadas aos usos do livro didático, sem, entretanto, desconsiderar a totalidade social na qual a esfera escolar está envolvida.

2. O Livro didático de História: na interface das áreas da História e da Educação

O ensino de História a cada dia, de modo especial, a partir da última década do século XX, ganha relevância como área de pesquisa, e já ocupa o pensar e o produzir de muitos educadores e historiadores, a se refletir na programação de Encontros Regionais e Nacionais, como da Associação Nacional de História (ANPUH). Estes e outros encontros focalizam tanto a produção historiográfica, quanto às experiências e pesquisas desenvolvidas no âmbito do Ensino de História, pois as finalidades deste ensino sofreram diferentes transformações que interferiram e interferem, por exemplo, na produção do livro didático.

Na área da educação (FREIRE, 1998:110) há diferentes caminhos na busca de esclarecer algumas problemáticas educacionais. E ter o cotidiano como foco de análise requer um “trabalho de campo” e pode ser denominada de “pesquisa etnográfica”, pois utiliza técnicas tradicionalmente adotadas pela etnografia, como a observação e a entrevista não-

estruturada. No que diz respeito à educação este tipo de pesquisa “se volta para as experiências e vivências dos indivíduos e grupos que participam e constroem o cotidiano escolar.”(ANDRÉ,1991:37). Colhe dados no espaço natural. Mas, não deve ser compreendida como pesquisa participante, pois, não significa no nosso caso intenso envolvimento do grupo pesquisado nas diversas fases da pesquisa. Como também não se identifica com a “pesquisa-ação” porque não envolve uma intervenção.

Na área da História com a “revolução” teórico-metodológica nesta Ciência, que remonta ao início do século XX, com a Escola dos Annales, e de modo mais direto a terceira geração desta, (a partir dos anos 1960) o campo de pesquisa do historiador se ampliou e surgiram novos objetos no seio das questões históricas, dentre eles “...as modalidades de funcionamento escolar, etc.”(CHARTIER, 1990:14). Ao nos referirmos ao conceito de História sócio-cultural estamos considerando as “características próprias da história cultural assim definida, que concilia novos domínios de investigação com a fidelidade aos postulados da história social...” (CHARTIER, 1990:14).

A transição de milênio, do segundo para o terceiro, favoreceu, portanto, transformações editoriais dos livros didáticos de História, com a inclusão de “Novos Objetos”, “Novos Problemas”, e “Novas Abordagens” (LE GOFF, 1995), de acordo com a mais recente revisão historiográfica e como também com concepções progressistas de Educação. As finalidades do ensino de História sofreram, desta forma, diferentes transformações que interferiram e interferem na produção e conseqüentes usos do livro didático de História.

É notório que o livro didático veicula valores e ideologias, através de características básicas: primeiro a forma, pois sua produção busca atender as exigências governamentais, já que o Governo é o principal comprador deste material. Segundo, os conteúdos históricos escolares conforme orientações curriculares oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, em terceiro, os conteúdos pedagógicos, pois divulga não só conteúdos específicos da área, mas também uma concepção de aprendizagem.

Vale ressaltar que vários profissionais trabalham para que o livro didático chegue até os alunos, e este passa de modo especial por três etapas: produção, circulação e consumo. A parte que nos interessa, fundamentalmente nesta pesquisa, é a terceira.

3. A Formação Docente e os (Des)Usos do Livro Didático de História na Cultura Escolar

É preciso compreender que “...os problemas do livro didático são reflexo dos debates e discussões teóricas feitas no âmbito do desenvolvimento da História como ciência.” (WASSERMAN, 2000:250). E este debate e crítica precisam acontecer, sobretudo na Universidade, em cursos de formação docente, não na busca do manual didático ideal, mas na compreensão de que é uma fonte produzida por diferentes profissionais e, assim, exige atualização teórico-metodológica dos usuários, para não tornar o livro “vilão” ou “panacéia” (FONSECA, 2003) para os problemas da educação escolar.

Nesta perspectiva, é fundamental a compreensão de que “...o livro didático é uma das fontes de conhecimento histórico e, como toda e qualquer fonte, possui uma historicidade e chama a si inúmeros questionamentos.”(FONSECA, 2003:56) Esta posição exige uma formação profissional com abordagens teórico-metodológicas consistentes, fazendo interagir ensino e pesquisa no decorrer de toda a licenciatura e da formação continuada.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica deixam claro que a licenciatura ganhou como determina a nova legislação, “terminalidade e integralidade própria em relação ao Bacharelado, constituindo-se em um projeto específico. Isto exige a definição de currículos próprios da Licenciatura que não se confundam com o Bacharelado.” (BRASIL, 2001:06). Entretanto, é preciso ficar atento para que esta determinação não desfavoreça o estímulo à pesquisa, tão essencial à formação docente, percebendo-a como algo que precede a arte de ensinar.

Nesta perspectiva, faz-se necessária também uma reflexão acerca do perfil do “historiador” nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de História. De acordo com as discussões realizadas nos núcleos regionais da ANPUH (Associação Nacional de História), incorporadas pela direção nacional, “o graduado deverá estar capacitado ao exercício do trabalho de Historiador, em todas as suas dimensões, o que supõe pleno domínio da natureza do conhecimento histórico e das práticas essenciais de sua produção e difusão” (BRASIL, 2001: Tópico 1). Assim, quanto à produção e à difusão, fica especialmente clara a necessária inter-relação entre ensino e pesquisa no processo de formação do licenciado em História, pois as posturas frente ao processo ensino/aprendizagem nesta área refletem teorias adotadas de História e Educação.

A postura teórico-metodológica do educador faz a diferença na condução do processo de ensino e aprendizagem. E trabalhar com o livro didático requer uma série de conhecimentos, historiográficos e pedagógicos que otimizem sua utilização, percebendo-o como um documento

que comporta vários outros documentos na sua estrutura, ou seja, além do texto principal de cada capítulo, um volume didático traz, em geral, um série de fontes textuais e iconográficas, como também diferentes linguagens visuais, que podem favorecer à uma “série de técnicas de aprendizagem”(BITTENCOURT, 2002:71). E ainda como lembra Circe Bittencourt “o livro didático possui limites, vantagens e desvantagens como os demais materiais dessa natureza e é nesse sentido que precisa ser avaliado.” (BITTENCOURT, 2004:301).

Assim, pensar o Livro Didático como objeto de estudo é fundamental no processo de formação e atuação do professor de História. Desta forma, no decorrer de sua formação inicial, é necessário um momento concreto para vivenciar essa temática e discuti-la, caso contrário, ao se deparar posteriormente com a responsabilidade, é provável que sinta muito mais dificuldades.

A maioria dos professores com os quais estamos trabalhando em nossa pesquisa é formada em diferentes áreas, ou seja, não tem licenciatura em História e ensinam história. Esta realidade tão presente no Brasil, de modo especial no Estado do Ceará, contribui para uma espécie de “desuso” dos livros didáticos. Por enquanto, com a pesquisa em curso, é possível afirmar que há uma subutilização das obras adotadas. E um paradoxo se apresenta: de fato o livro didático de História nas quatro turmas de 6º. Ano (antiga 5ª. Série do Ensino Fundamental) que estamos pesquisando ocupa a maior parte do tempo das aulas de História, contudo, o que ocorre na maioria das vezes é uma pura cópia de fragmentos dos textos principais para responder as atividades propostas pelo próprio livro ou questionários feitos pelas professoras, e os assuntos, em geral, são superficialmente explicados em sala e a compreensão histórica dos alunos visivelmente fica a desejar. E as demais partes que compõem o livro didático, para além do texto principal, como imagens, notícias, outras abordagens de diferentes teóricos, pouco são referenciadas pelos professores no processo do ensino de História.

Desta forma, é relevante que os Cursos de Licenciatura, em especial os de História, abordem de forma consistente uma reflexão sobre o processo de formação docente e sua atuação na escola, uma vez que, entre o oficial e o real, há um mundo a ser pesquisado, no qual se encontram as diferentes maneiras de lidar com os livros didáticos. Como JOHNSEN nos lembra:

A pesar de todo, deberíamos poder asumir que la frecuencia y la manera de utilizar los libros de texto varía según el maestro, la materia, el nivel, la escuela, el estudiante y el lugar. Puesto que hay muchas formas diferentes de utilizar los libros de texto, y puesto que la enseñanza configura una situación compleja, resulta particularmente difícil extraer conclusiones generales sobre la base de estudios que se centren en los libros que se usa. (1996:134)

Assim vislumbra-se uma ampliação curricular nos próprios cursos de formação docente para fazer diferente do que é tradicionalmente posto como certo, e para isso é preciso contar com professores de professores politicamente ativos e comprometidos com um trabalho educativo no cotidiano da sala de aula, e que, por isso, não devem ficar à parte das responsabilidades sociais que lhes condizem, para fomentar a construção de uma nova realidade, pois currículo também é "um espaço, um campo de produção e de criação de significados" (SILVA, 2001:20-21), em um contexto histórico específico.

Neste contexto OLIVEIRA (2002) defende a urgência da percepção do ensino de História como objeto de pesquisa, para que não só a externalidade da sala de aula, como leis, programas, livros didáticos, etc. sejam estudadas, mas também a internalidade, ou seja, como professores e alunos se relacionam com a externalidade “imposta”. Refletir sobre o cotidiano escolar faz-se, portanto, fundamental para que uma ação (trans)formadora da consciência histórica-pedagógica possa, de fato, acontecer no processo de formação dos professores de História e, conseqüentemente, no melhor uso dos livros didáticos nas aulas de História de inúmeras escolas da Educação Básica.

4- Considerações finais

Entre o oficial e o real, há um mundo a ser pesquisado, no qual se encontram as diferentes maneiras de lidar com os livros didáticos no processo constante da disputa, entre “estratégias e táticas” no cotidiano escolar. As formas de se trabalhar o livro didático de História são variadas e acreditamos que o embasamento teórico-metodológico do professor faz toda diferença na “condução” do processo escolha e de ensino-aprendizagem em sala de aula.

É notório como a formação docente e o conseqüente ensino de História revelam-se, na maioria das vezes, aquém da tarefa de gerar (trans)formação crítica. Há necessidade, portanto, de uma reflexão que ultrapassa a visão pragmática que freqüentemente busca culpados para as mazelas no Ensino de História hoje, e estas, muitas vezes, recai sobre o livro didático adotado.

É urgente desejar e reinventar uma educação diferenciada no processo de formação docente, promovendo uma qualidade social no ensino de História, em vista do que se impõe como realmente necessário para uma construção da capacidade de pensar historicamente, situando-se nos diferentes tempos e espaços e, conseqüentemente, contribuindo na formação de uma postura crítica diante do mundo.

Assim, é importante reafirmar a necessidade de espaços para ampliar reflexões e debates sobre a formação docente e as diferentes práticas que ocorrem no cotidiano do ensino de História, promovido nos vários níveis de ensino e escola, para que a História ensinada possa ser um convite e um desafio para intervenção social de fato, a partir da formação da consciência histórica que permite um olhar mais atento diante da realidade a qual estamos inseridos. Por isso, defendemos que as políticas de formação docente precisam ter como pressuposto a redefinição das concepções de educação, História, prática pedagógica, ensino e pesquisa.

Com esta pesquisa em processo, visamos contribuir para o desenvolvimento da ciência, no que diz respeito à melhor compreensão dos processos que envolvem as escolhas e usos dos livros didáticos de História no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. “Pesquisa no Cotidiano Escolar”. In: FAZENDA, Ivani. (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. “Livros didáticos entre textos e imagens.” In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. “Livros e Materiais Didáticos.” In: BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. Secretaria de Educação Superior. Departamento de Políticas do Ensino Superior. **Diretrizes Curriculares dos Cursos de História**. 2001. Tópico I.

_____. Ministério da Educação. Plano Nacional do Livro Didático – **Guia de Livros Didáticos**. Brasília, 1999.

_____. Ministério da Educação. **GUIA de livros didáticos 2005**: vol. 5: História. Nabiha Gebrim (coord.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Infantil e Fundamental, 2004.

_____. Ministério da Educação - MEC. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**, em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena. CNE/Cp 009/2001.

CERTEAU, Michael de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.

CHOPPIN A. Pasado y presente de los manuales escolares. — **Revista educación y pedagogía** (Medellin, Colombia), vol. XIII, n°29-30 enero - septiembre de 2001. — p. 207-230 [texte en langue espagnole].

_____. Los Manuales escolares de ayer a hoy: el ejemplo de Francia. — **Historia de la Educación, 2000, n°19.** — p. 13-37. [Texte en langue espagnole].

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada.** São Paulo: Papirus, 1993.

FONSECA, Selva Guimarães. “Livros didáticos e paradidáticos de História. In: _____. **Didática e Prática de Ensino.** Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática docente.** 22ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

JOHNSEN, Egil Borre. **Libros de Texto en l Calidoscópico** – Estúdio crítico de la literatura y la investigación sobre los textos escolares. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor, S.A. , 1996.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como objeto histórico. In: **REVISTA Brasileira de História da Educação.** Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novas abordagens.** 4ª edição. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

MUNAKATA, Kasumi. O Livro Didático e o Professor: entre a ortodoxia e a apropriação. In: **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.**/ Ana Maria F. C. Monteiro, Arlette Medeiros Gasparello, Marcelo de Souza Magalhães, organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

NADAI, Elza. “O Ensino de História e a 'pedagogia do cidadão'.” In PINSKY, Jaime. (Org.) **O ensino de História e a Criação do Fato.** 5. edição. São Paulo: Contexto, 1992.

NÓVOA, Antonio (org.) **Vida de Professores.** Porto – Portugal: Porto Editora, LDA., 2000.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. O Ensino de História como Objeto de Pesquisa. In.: **SAECULUM: Revista de História** – No. 6/7 Jan. Dez. 2000/2001 – João Pessoa: ed. Universitária/UFPB, 2002.

ROMANELI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1984.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo como fetiche: A poética e a política do texto curricular**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **Inaugurando a História e Construindo a Nação: discurso e imagens no ensino de História**. Organizado por Lana Mara de Castro Siman e Thaís Nívia de Lima e Fonseca. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WASSERMAN, Claudia. O Livro Didático: aspectos teórico-metodológicos relevantes na sua produção. In.: GLAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et ali (orgs). **Questões da Teoria e Metodologia da História**. Porto alegre: Universidade/UFRGS, 2000.